

aquele que brota

Pessoas Físicas e Chão da Feira

BELO HORIZONTE, 2025

filipe
lampejo

Aquele que brota

- | | | | |
|----|-----------------------------|----|-------------------------|
| 15 | minúsculo | 26 | As folhas também |
| 15 | 6 de agosto | | querem andar |
| 15 | Arnaldo | 27 | Cinco gramas com |
| 18 | Em caso de cabeça | | banana e mel |
| | d'água, corra para | 27 | 23 de dezembro |
| | as margens | 30 | fofoca |
| 18 | Anoto I | 30 | Anoto II |
| 19 | <i>Um sentimento claro</i> | 31 | A corrida continua |
| | <i>do absurdo situa-nos</i> | 32 | Adoro as coisas |
| 19 | Luísa | | que o Paulo diz |
| 19 | estopim | 32 | Folhinha |
| 21 | 26 de fevereiro | 33 | Anoto III |
| 22 | Dissolução | 33 | laguna esmeralda |
| 22 | 8 de agosto | 34 | jogo |
| 23 | Marcelo | 35 | no meio da vida |
| 23 | Perigo | 35 | Sossegue coração |
| 24 | 23 de setembro | 36 | Aqui nesta pedra |
| 24 | Seu Davi | 37 | Comentário sobre |
| 24 | 14 de janeiro | | <i>aqui nesta pedra</i> |
| 25 | 11 de abril | 38 | Dipirona |
| 25 | Surfe | 38 | 11 de abril |
| 26 | 1994, véspera da prova | 38 | 9 de junho |

39	Tarefa para M	54	11 de abril
39	Tarefa com V	55	o lobo se esconde
39	Tarefa de F	55	pecadinho
39	Tarefa entre E, G e S	55	À minha amiga
39	Tarefa sobre L	56	Bilhete para agora e para o futuro:
39	Tarefa versus J	58	a coisa
39	Tarefa	58	pista
40	Atrás dos olhos dela	59	26 de junho
42	A origem do mundo	60	18 de junho
43	sobressalto	61	Comentário sobre <i>bebê dourado</i>
43	escute o que ela diz	61	Molar
44	o tempo	64	Dedicatória
45	e o espaço	64	Altas e baixas
46	na real	64	10 de dezembro
46	31 de dezembro	65	Medo da morte
47	A partir deste dia	65	Medo da vida
49	20 de julho	68	Arial
49	Anoto IV	68	comentário sobre <i>Arial</i>
51	Curva Psicodélica X	68	Tenho andado sem pai
51	Curva Psicodélica Y	69	Hemisférios
54	rego	70	Anoto VI
54	Carol		
54	Anoto v		

70	7 de outubro, meu aniversário
70	Três anos
71	Três atos
72	Siga
74	A primeira alvorada
76	23 de maio
76	Papel colado na parede:
76	12 de novembro
77	Os filhos dos leões necessitam e sofrem fome
78	desejo
78	não faço rascunhos
78	Índice remissivo
79	Naquele dia choveu
80	Efeitos especiais
81	29 de novembro
83	Aquarelas

91	Quando escrevo com as aquarelas Maria Carolina Fenati
-----------	---

99	Agradecimentos
-----------	----------------

*Quem me dera
um mapa de tesouro
que me leve a um velho baú
cheio de mapas do tesouro*

PAULO LEMINSKY

*Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal*

ANA CRISTINA CESAR

minúsculo

a cobra é que não dá asas a deus.

6 de agosto

Escrevo: precisamos de uma prova de que existimos.

Ando de bicicleta, imagino que o vento
é uma baforada-caramujo do universo.

Dou uma gargalhada.

Arnaldo

As pedras são lentas, mais lentas que os animais,
disse o Arnaldo.

Nem todas as respostas cabem num adulto,
disse o Arnaldo também.



Em caso de cabeça d'água, corra para as margens

A aquarela tem essa fama de teimosa, escorregadia, fatal. Não é raro nos atracarmos, e alguém sempre sai sangrando. No intervalo de um combate, acendo um cigarro de palha, cerro os olhos, me afasto e me aproximo do papel uma dezena de vezes. Alterno entre a tragada e a lambida no pincel. Tomado por uma emoção faceira, deposito por engano a bituca na água de fazer tinta, me sento novamente diante do papel e respiro ofegante enquanto a nicotina me deixa as mãos trêmulas. Enfio o pincel no godê – agora enlameado, cores transbordando de seus espaços, cinzas de cigarro misturadas – e, guiado por uma urgência úmida, faço um pocinho mágico dessa mistura de água e tinta sobre o papel. Ensaio um gesto preciso, repetido mil vezes, que possa guiar e fazer transbordar com delicadeza esse pequeno açude colorido. No tempo de um ruído, e antes que eu possa correr para as margens, a membrana invisível da água se rompe.

Anoto I

Pintei um cogumelo, o que significa que passei muito, muito tempo olhando para ele e que desenhei as suas rugas com o pincel.

Um sentimento claro do absurdo situa-nos

Ele escreveu sobre o pasmo essencial da criança que nasceu de verdade, o pasmo essencial que deve ser um susto, um soluço, um não sei o quê, quer dizer, saber que ela e tudo são parte da *eterna novidade do mundo*.

Luísa

A força está na curiosidade, ela disse.

estopim

encontrei uma frase
em um buraco:
não é possível ver o fundo
das coisas

1. TUDO PASSA.
2. BEBER ÁGUA.
3. OUVIR UMA MÚSICA BOA.
4. NÃO ESTAR DE BARRIGA CHEIA.
5. A ILÓGICA RELAÇÃO
FUNDAMENTAL COM
TODAS AS COISAS.

26 de fevereiro

Fizemos uma festa só nós dois.

Os efeitos vieram aos poucos,
dançamos e os vimos subir.

Aviso que vou virando espuma.

Estamos pendurados no tempo.

A vista do parque nunca esteve tão bonita,
o pôr do sol lilás durou uma vida.

A eternidade existe e ela muda de cor
quando toca Ernesto Djédjé.

Faça qualquer coisa e pelo amor de deus não pare de dançar.

Fizemos um pacto – aquilo que só nós sabemos, aquele
segredo que guardamos dentro do piso.

fofoca

o dito-cujo, o fulano e o aquele ali
precisam de drogas
pra ser feliz

Anoto II

Procura-se o significado desta frase escrita em espaços
interestelares: “Eu tenho medo da ponta do lápis.”

A corrida continua

O buraco mais fundo da Terra foi cavado em 1970, na Península de Koala, Rússia. Doze quilômetros que custaram vinte anos aos soviéticos. Em entrevista recente à tevê, a engenheira líder do projeto na época, Elena Sokolova, hoje com 87 anos, disse: “Desde o início da expedição, com tanta pressão para chegar ao manto da Terra, eu parei de sonhar. Isso permanece até hoje.” Ela acrescentou que nem tudo o que foi encontrado foi revelado pelo governo e pelo Programa Internacional de Perfuração Continental Científica – ICDP. Os moradores locais juram que do buraco ainda se ouvem os gritos das almas. Em 2013, a artista holandesa Lotte Geewan afundou um microfone protegido por escudo térmico. O que captou foi um som estrondoso, impossível de explicar. Nas palavras dela: “me fez sentir muito pequena; foi a primeira vez que essa grande bola em que vivemos veio à vida e pareceu assombrosa. Algumas pessoas achavam que soava como o inferno. Outras, que era o planeta respirando”. Uma moradora disse não ter escutado nada: “um silêncio profundo”. Em 2022, o buraco foi selado. Hoje, na antiga estação, há apenas uma tampa de metal pesada e enferrujada, lacrada por grossos ferrolhos. Ao final da entrevista, Sokolova murmurou: “o maior buraco do mundo não está aí fora”.

A origem do mundo

Era início da tarde e eles eram quatro. Apertavam os olhos para decifrar o maravilhoso. A mão-âncora de G ergueu F, que apontou o caminho para E, enquanto V ria da própria nudez enrugada na água fria. Por alguns instantes, desaparecia a ilusão de que estavam separados do resto. Alguém sempre lançava uma hipótese, um improviso — e isso bastava para sustentar a incursão. Entre intervalos, ouvia-se um eu se desprendendo das rochas e se espatifando perto deles. Nessas horas, alguém soltava um grito curto, atirava pedrinhas na água ou se desvestia para tomar sol no bumbum. Margeando o rio, E se deitou com o rosto coberto pela toalhinha e as pernas abertas, mirando as coxas e a vulva para o céu. F se aproximou e observou, dando a entender que engatinharia por aquela gruta. Aquilo era o sonho de F, o oráculo de E, o céu de V e o inferno de G. Como escreveu Emily Dickinson, a alma deles estava entreaberta.

o lobo se esconde

aqui dentro
com os olhos fechados
é vermelho
estou num romance
com Henri Salvador

pecadinho

sentados
na porta da igreja
cometi
um ato fálico

À minha amiga

ela sempre me convidava pra ficar em silêncio
com ela
até que um dia eu não fui
e ela me ligou
pra conversar

Quando escrevo com as aquarelas

Maria Carolina Fenati

*[...] o jardim onde as árvores
dão frutos que, obviamente,
são pedras preciosas.*

JULIO CORTÁZAR

Enquanto escrevo, as mãos curvadas têm o interior oco, os indicadores são bicos ciscando as letras e os outros dedos os acompanham – elas dançam e, ainda assim, escrevendo, não imagino que as minhas mãos poderiam pintar aquarelas. Pintar aquarelas também é fazer algo com as mãos, só que para pintar é preciso recorrer aos pincéis, à água, às cores, é um gesto que não esquece a técnica nem se reduz a ela.

Para as aquarelas de Filipe Lampejo expostas em *A eterna novidade do mundo*, pintar é um gesto preciso, lançando formas detalhadas no fundo branco, formas que flutuam e estão amparadas pelo indeterminado. Talvez eu pudesse aprender um pouco se pousasse a minha mão sobre a mão do meu amigo enquanto ele pinta: esquecer a maneira como costumo usá-la, retirar-lhe a tensão e sentir desde dentro o movimento que a mão que não é minha faz. Quando a menina Camila Sosa Villada aprendeu a escrever, ela estava sentada no colo do pai, ele lhe pegou a mão e, junto com ela, desenhou as letras e ensinou-lhe a grafar o próprio nome. Depois a mão dele desapareceu, ficou a dela, o lápis e o papel – o pai a havia levado para a borda de uma floresta imensa, escreve Camila, e ela ficou sozinha para entrar e não voltar. As páginas são florestas que as mãos percorrem escrevendo, pintando – as mãos grafam e desaparecem, e o que resta são suas marcas.

Escrevo com as aquarelas – e com os cogumelos, os troncos de árvore, as pedras. Pouco a pouco, reconheço um leve formigamento da sensibilidade, o zum-zum-zum que faz o burburinho psicodélico quando se acende. Quando experimentei uma planta enteógena pela primeira vez, eu estava a poucos anos do nascimento das minhas filhas e o que com ela vivi foi inesquecível, longo e restaurador. Elas continuam por perto porque não quero que fiquem longe.